



CORPO DE DELITO

Sensacionalismo, SA

O sensacionalismo não forma, deforma, não educa, entretém, não eleva, nivela, e tem sempre uma pontinha de sadismo e doses generosas de vampirização



Rui Patrício

Há coisa de dois anos, mais ou menos, num julgamento sobre questões de imprensa e vida privada, um arguido respondeu-me a uma pergunta mais incisiva dizendo – com um ar convicto e triunfante, como se me fosse arrumar de vez – que o sensacionalismo era uma forma de jornalismo. Ora aqui está uma bela frase, cheia de significados e muito reveladora. Passe o exagero da comparação, mas com crueza intencional, também se poderia dizer que a violação é uma forma de sexualidade, a violência doméstica uma forma de conjugalidade, e o furto uma forma de gestão da propriedade. Isso e outras coisas similares pois, em matéria de imaginação e descaramento, raramente há limites. Tal e qual como no sensacionalismo, atividade que conhece também poucos limites e onde imperam imaginação e descaramento. E imperam mesmo quando os meios de comunicação social sensacionalistas não estão a mentir. E na maior parte das vezes, pelo menos entre nós (onde, apesar de tudo, ainda não se chegou à abjeta loucura tabloide de outras paragens), nem estão a mentir, mas também não estão a dizer exatamente a verdade. Porque distorcem, focam só de um lado, aumentam e iluminam um dos ângulos. Aliás, o sensacionalismo é essencialmente isso, a distorção, a alteração do centro de gravidade, algo entre a verdade e a mentira e que não é nem uma coisa nem outra. E é por isso que o consumo de

sensacionalismo, sobretudo em doses elevadas e sem o contraponto de alimentação informativa mais saudável, faz mal. Faz mal porque embrutece, seja do ponto de vista cognitivo, seja do ponto de vista ético. O sensacionalismo não forma, deforma, não educa, entretém, não eleva, nivela. E tem sempre uma pontinha (às vezes mais) de sadismo e doses generosas de vampirização da dor, da fragilidade e/ou da intimidade alheias, como se tudo fosse possível e admissível. Pois não é, afinal, o sensacionalismo uma forma de jornalismo? Tenho cá as minhas dúvidas de que seja, mas deixo a resposta para os especialistas. Limito-me a declarar que a mim não me agrada, e que a afirmação de que o é, sobretudo em jeito de justificação para tudo, me cheira a hipocrisia e a ranço. E se não gosto de sensacionalismo em geral, há uma espécie que abomino: o sensacionalismo catequista, o que se reclama de certos valores, de certa missão, o que vende entretenimento – alimentado a distorção e ênfase, sangue, suor e lágrimas, e instrumentalização dos visados – a pretexto de uma cruzada, normalmente moralizante, feita segundo uma tabela de valores que foi escolhida pelo sensacionalista. Mas uma tabela que venda, claro, que aumente tiragens ou audiências, que encha o olho e abra apetites. Catequizar, sim, mas sem perder de vista o negócio. Limites não há muitos, mas horizontes há, isso sim, e bem nítidos. Não se trata de catequizar só por catequizar, não é um proselitismo qualquer. Trata-se de negócio, um belo negócio, pormenor que escapa quase sempre ao discurso dos que proclamam as virtudes jornalísticas do sensacionalismo.

Escreve quinzenalmente à sexta-feira